

## RESENHAS

OLIVEIRA, Marly de. *O deserto jardim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 71 p.

Uma das mais belas e conhecidas parábolas da *Bíblia* é a do semeador (*Lucas*, 8,5-8): "Certo homem saiu para semear. Quando estava espalhando as sementes, algumas caíram na beira do caminho, onde foram pisadas pelas pessoas e comidas pelos passarinhos. Outras sementes caíram num lugar de muita pedra e, quando começaram a brotar, secaram porque não havia umidade. Outra parte caiu no meio dos espinhos, que cresceram junto com as plantas, e as abafaram. Mas algumas caíram em terra boa. As plantas cresceram e produziram 100 grãos para cada semente". Pois é justamente esse texto sacro, que compara a semeadura com a pregação do Evangelho, que serve como *leit-motiv* do 15º livro de poesia da capixaba Marly de Oliveira.

*O deserto jardim*, que é dividido em quatro partes – I. Parábola, II – Deserto, III, O pensamento aberto e IV – A visão alucinada –, é uma releitura bastante criativa de um trecho importante do "Livro dos Livros", através da qual Marly de Oliveira se pergunta se é possível ao poeta, em sua oficina da palavra, ser comparado, na fortuna, ao semeador da parábola: "Como aquele que semeia,/ não como o semeador: diferença que Vieira/ leva com extremo ardor/ ao extremo do barroco. Porque uns pregam com os olhos,/ outros pregam aos ouvidos./ Um pelo exemplo é notado,/ outro, nem é percebido,/ que ao vento bastam palavras,/ ao coração faltam as lides".

Em *O deserto jardim*, quem planta é o poeta, e as sementes são os versos que espalha entre os homens, resultando as mensagens como frutos. Dessa forma, o artista do verbo recupera do Cristo evangelizador não apenas o peso do sacrifício do ofício solitário ("Ah, quantas vezes/ não pensei na solidão do que ali se faz rei/ sem espada, sem mais nada..."), mas o carisma daquele que traz a boa nova: "Tudo tão presente, mais/ que o apressado deste instante/ em que vivemos tentando/ criar a partir do mínimo,/ em meio a coisas tão grandes".

O binômio solidão-criação é um tema recorrente na obra poética de Marly de Oliveira. Em um livro publicado há mais de 10 anos – *Invenção de Orpheu* –, lá está escrito: "Quem valoriza a solidão de um deus/ ou de um poeta?/ Ambos intuem/ – secreta harmonia/ com o que não entendem–/ apenas o que existe, não

o criam". Para a autora capixaba, o trabalho do poeta encerra uma grande contradição, pois, para que ele se comunique com os seus semelhantes, é necessário que deles se isole: "Assim, pois, para escrever, / preferimos os lugares mais secretos". Visto desse modo, o fazer artístico acaba por exigir do homem um estado de solidão, uma postura de recolhimento, semelhante a uma atitude religiosa que a tudo absorve. Por isso, em um livro de 1982 - *A força da paixão* -, frisa ML: "Ser poeta não é ambição minha, / diz Pessoa / é a minha maneira de estar sozinho".

A fértil solidão do artista, no entanto, já vinha sendo trabalhada por Marly desde o seu segundo livro - *Explicação de Narciso*: "Consumem-se os lauréis da minha vida / em quatro dias, quatro eternidades / memoráveis de esperas e de lutas / contra mim mesmo e o tempo que me cabe (...). E estou tão só que a solidão cintila". Sete anos depois, em *O sangue na veia*, ela voltaria ao tema-obsessão, desta vez mostrando como o poeta acaba por se trair, comunicando-se com o seu semelhante: "A comunicação é a minha fraqueza, / eu sou mais forte quando digo não?"

O deserto jardim, entre outros méritos, radicaliza uma velha discussão de Marly de Oliveira em torno da (po)ética do fazer comunicativo, acentuada com o paralelo parabólico, entrevistado no poema 2 da primeira parte: "Há de assim ser o pregar, / que para nós é o escrever? / Dir-me-eis de coração casto, / se é possível comparar / aquele que com amor escreve / - e o mundo o faz convertido - ao que joga o trigo e o perde / entre as pedras e os espinhos". Assim, a prática do verso associada à prática do Evangelho traz para o poeta a investitura do portador da mensagem de fé redentora, salvadora do homem, relendo / refazendo um pouco alguns outros versos de um livro seu de 1980 - *Aliança*: "A poesia é uma forma de compromisso com o ser / quem quiser esquecer ou esquecer-se / recorra ao ópio, ou outro equivalente".

A despeito da declarada origem bíblica, *O deserto jardim* traz uma poética extremamente contemporânea, comprometida com a discussão do papel do poeta - do artista, em suma - na sociedade, certa de que, como ela já dissera, em *A vida natural*, "criar quase prescindir do que existe, / O que existe somente / um rascunho ou um ponto de partida". Se a aridez do deserto não é um obstáculo intransponível para o bom semeador - há por acaso deserto maior do que a página em branco para quem vive do verbo?, - há que se procurar em cada um tempo de colheita e o seu tempo de plantio, pois, como já disse, há muito tempo e num tempo de extermínio, o doce velhinho pernambucano dom Hélder Câmara, "o deserto é fértil".

Júlio César Lobo

JOSEF, Bella (org.) *Poesia argentina*. Buenos Aires: Iluminuras. 181 p.

No ano passado, a diplomata May Lorenzo Alcalá, do Instituto Cultural Brasil-Argentina do Rio de Janeiro, incumbiu a professora Bella Josef, titular de Literatura Hispano-Americana da UFRJ, de uma missão especial: selecionar, traduzir e apresentar as obras mais significativas da poesia da terra de Jorge Luis Borges e Julio Cortázar, compreendidas entre os anos de 1940 e 1960. O resulta-

do está sendo publicado agora na antologia *Poesia argentina* com 46 trabalhos de 21 autores - sendo apenas 3 mulheres -, que cristalizaram determinadas orientações das várias correntes artísticas que se disseminaram em nosso continente, sob o impacto da Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, Revolução Cubana, Guerra do Vietnã e Pop Art, no que se chamou de pós-vanguarda.

Estilos e métricas à parte, os escritores reunidos em *Poesia argentina* caracterizam-se, em geral, pelo esforço de dessacralizar a lírica, inserindo-a como mais uma atividade do cotidiano - a poesia como extensão da vida -, têm um cunho acentuadamente ideológico, levados pela cobrança insistente da famosa "tomada de consciência" (fruto do Existencialismo), pautam-se por narrativas ora próximas do épico, ora mais líricas, e são uma reação à vanguarda (Borges, Girondo, Fijman, Tuñón, etc.), apesar da dívida de todos eles para com o Surrealismo. Os pós-vanguardistas portenhos mostram densa influência da linguagem coloquial e buscam, quando possível, a síntese da linguagem publicitária.

Entre os 21 poetas escolhidos por Bella Josef, destaca-se claramente como o dono do melhor conjunto de versos Rubén Vela, o décimo-quarto pela ordem de entrada em cena. Nascido em Santa Fé, 63 anos, ele sempre se pautou por uma poesia comprometida com as aspirações americanas - seria um eco do discurso de José Martí? - dentro da preocupação obsessiva de fundir o homem e a paisagem numa dicção sintética e despojada, resultando numa obra plena de vida, de densidade, do essencial. Membro da fundamental revista *Poesia Buenos Aires*, ele publicou 14 livros, dos quais 3 - *Poemas australes* (1966), *Los secretos* (1969) e *La palabra en armas* (1970) - estão bem representados na antologia.

O compromisso com a americanidade, discurso que exclui política e culturalmente os Estados Unidos e o Canadá, está presente em "América" ("A mão que desenhou o / vôo da serpente. A mão que gravou / a árvore do milho. Na pedra / está escrita / a História"), enquanto, em "Arte poética", Rubén Vela, sinteticamente, situa a práxis de sua geração: "Incendiar-se / na / palavra. Crescer / em / liberdade". Este último poema é um exemplo feliz de uma corrente, para a qual chama atenção a organizadora do volume, em que a poesia quer ser um compromisso total com a vida, e o ato de criar transforma-se em um fazer existencial. Ofício de poeta é tema também de "Maneiras de lutar", que reverbera provavelmente de forma involuntária o clássico "O lutador", do nosso Carlos Drummond de Andrade.

Em outro texto, também chamado de "Arte poética", outro poeta, Carlos Latorre, volta a falar do ofício artístico, colocando a questão da representação: "A palavra descreve paisagens semânticas, / raras vezes praia marítima, / vida viva, / folhagem azul, / fonte de água pura / ou outra beleza criada no sol do amanhecer, / noite / ou tarde de chuva". Esse poema é do livro *Las ideas fijas* (1972), um dos 11 publicados por esse nativo de Buenos Aires, 75 anos, dono de um estilo bastante personalizado, cantando o amor, as viagens e - bem supremo dos surrealistas - a liberdade, principalmente a liberdade do artista de se proclamar um criador absoluto.

Há uma forte presença de alguns dos ideários do Surrealismo também na escrita de Alejandra Pizarnik (1937-1973), natural de Bs. As., principalmente na evocação "Infância" ("Hora em que o capim cresce / na memória do cavalo. / O vento profere discursos ingênuos / em honra dos iluses, / e alguém penetra na morte / com os olhos arregalados / como Alice no país do já visto"), do livro *Los trabajos y las noches*, o quinto dos seus 10 títulos, nos quais, observa Bella Josef, há a busca por uma "experiência poética transcendental", procurando fundir vida e poesia.

Uma outra obsessão da maioria dos melhores artistas reunidos em *Poesia argentina* é a de tentar passar uma certa didática da criação poética movidos, talvez, pelo intuito político de desmistificar o seu trabalho, transportando-o da antiga torre de marfim para o rés do chão, como se constata em Edgar Bayley, 72 anos ("Nomeio contigo a vigília e a viagem/ e o cais reinventado e o céu intemporal/ e o longo erro e a grama do rio/ contigo nomeio o dia e a corda do ar/ e um reflexo qualquer e o favor do sal") e Juan Gelmán, 51 anos ("Estes poemas esta coleção de papéis esta/ manada de pedaços que pretendem respirar ainda (...) às vezes são piores que atos ou melhor mais certas/ o tempo que passa não as refina não as embeleza/ descobre suas rachaduras, suas paredes descascadas").

A questão da palavra poética será ainda retomada nessa antologia por Alberto Girri, 72 anos, que encara o seu ofício como um processo de conhecimento, análise dos mecanismos do fenómeno da criação. Ligado à prestigiada revista *Sur* e muitas vezes premiado, Girri publicou 26 livros. No décimo-quarto, está um texto-síntese de sua postura estética com o longo título de "A poesia entendida como uma maneira de organizar a realidade, não de representá-la": "... que mais além da verdade/ está o estilo/ aperfeiçoador da verdade/ porque leva em si/ a prova de sua existência. Escreve-a,/ extrai dessa ordem/ teus reais propósitos,/ maior miséria/ que a morte ou o nada/ é o irreal, o real sem propósitos".

Os 46 trabalhos dos 21 escritores presentes em *Poesia argentina* mostram, em sua maioria, o vigor de uma escrita que se faz no vizinho país, cuja cultura é-nos tão distante, servindo como uma obra inaugural de divulgação de uma poética, que, nos seus melhores momentos, já produziu versos como esses: "Por mim não posso crer que começou Buenos Aires:/ tenho-a por tão eterna como o ar e como a água". O autor? Jorge Luis Borges. É claro.

A Companhia das Letras publicou:

**RELIGIÃO E O DECLÍNIO DA MAGIA**, do historiador inglês Keith Thomas, um estudo da magia, bruxaria, astrologia e suas relações com a religião, numa edição luxuosa em capa dura.

**MENTIRAS DO SILÊNCIO**, um *thriller* político que pode ser lido como uma história de amor na guerrilha urbana de Belfast, do irlandês Brian Moore.

**MACHADO DE ASSIS: IMPOSTURA E REALISMO**, "um livro cheio de perspicácia e espírito democrático" (Roberto Schwarz), do eminente brasilianista inglês John Gledson, que chegará ao Brasil dia 23 de julho para ministrar, durante o segundo semestre, um curso de pós-graduação na Unicamp.

**O BRASIL NO TEMPO DE DOM PEDRO II**, 15º volume da coleção "A vida cotidiana", Frédéric Mauro, historiador francês designado para a primeira cadeira de História da América Latina na França.

**HISTÓRIA NOTURNA**, do historiador italiano Carlo Ginzburg, uma nova interpretação do sabá, encontros noturnos em que supostamente se celebravam banquetes, orgias sexuais e cerimônias antropofágicas.

**COZINHEIROS DEMAIS**, uma das obras mais divertidas e sofisticadas de Rex Stout, criador do famoso detetive Nero Wolfe, herói de mais de setenta livros.

**ILONA CHEGA COM A CHUVA**, segundo romance da trilogia iniciada com *A Nave do Almirante* (1990), do grande escritor colombiano Alvaro Mutis, inspirador de Gabriel García Márquez.

**VALE DO CAOS**, um mundo perverso de falsários e teólogos assassinos, milionários e gângsteres, anjos e demônios, num *thriller* metafísico do grande romancista e dramaturgo suíço Friedrich Dürrenmatt, autor de *A visita da velha senhora*.

**ESTRATÉGIAS DA ILUSÃO**, de Paulo Sérgio Pinheiro, um estudo definitivo sobre as idéias e os ensaios da revolução no Brasil dos anos 20 e 30.

**ONZE ENSAIOS**, com seleção e prefácio de Paulo Francis, as idéias e opiniões de Edmund Wilson sobre política, história, literatura e sobre ele mesmo.

Um fabuloso retrato de Nova York do século XVIII aos nossos dias, em *A ILHA PROMETIDA*, da Anka Muhistein.

**VERITAS**

Revista de cultura geral – Trimestral

**LETRAS DE HOJE**

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

**TEOCOMUNICAÇÃO**

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

**ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

**REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

**PSICO**

Revista especializada em Psicologia – Semestral

**DIREITO & JUSTIÇA**

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

**EDUCAÇÃO**

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

**ODONTO CIÊNCIA**

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

**PUCRS – INFORMAÇÃO**

Boletim informativo – Bimestral

**AGENDA PUCRS**

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

**COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS**

Sem periodicidade

**MUNDO JOVEM**

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

**ANÁLISE**

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral